

A intervenção do revisor no emprego dos pronomes demonstrativos *este e esse* (e suas flexões)

Igor dos Reis Alcântara¹

RESUMO

Este artigo tem como objetivo investigar as situações de uso dos pronomes demonstrativos *este* e *esse* na escrita, tendo em vista sua problemática frente aos aspectos de tempo e espaço e elementos do discurso na fala. Para isso, selecionaram-se dez trechos curtos com os gêneros *reportagem* e *conto* a fim de que cinco profissionais pudessem revisá-los. Nesse cenário, verificou-se se esse profissional está atento às restrições gramaticais normativas da Língua Portuguesa, bem como às questões discursivo-argumentativas. Assim, discutiu-se a maneira como o revisor se comporta no momento da revisão e o quanto a linguagem falada pode influenciar na correção do texto escrito.

Palavras-chave: Língua Portuguesa. Revisor de Texto. Gramática Tradicional. Pronome demonstrativo. Revisão textual.

The intervention of the reviewer in the use of the demonstrative pronouns *este and esse* (and their variations)

ABSTRACT

This article aims to clarify the situations of the use of the demonstrative pronouns *este* and *esse* in the writing, considering their circumstances in time and space, and in the elements of speech in the speech. For this, ten short excerpts were selected with the genres *newspaper report* and *tales* so that five professionals could review them. In this context, it was verified if this professional is aware to the traditional grammar of the Portuguese Language, as well as to the discursive and argumentative points. Thus, the way the professional reviewer behaves at the time of the review was discussed and how the spoken language can influence the correction of the written text.

Keywords: Portuguese Language. Text reviewer. Traditional Grammar. Demonstrative pronoun. Textual review.

1 INTRODUÇÃO

Em geral, os usuários da Língua Portuguesa (LP) se confundem quanto ao uso adequado dos pronomes demonstrativos *este* e *esse* em determinados gêneros, como *reportagem* e *contos*. Muitas vezes, isso ocorre porque esses falantes não estão atentos às diferenças entre a fala e a escrita, em que, na primeira se neutralizam certas distinções de

¹ Bacharel em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC MG) e bacharel em Letras / Português com ênfase em Edição pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Especialista em Revisão de Textos pelo IEC PUC Minas. E-mail: igor.dalcantara@gmail.com.

usos, as quais permanecem, na escrita, mais conservadora. A primeira acontece de maneira dinâmica e rápida; a segunda, em especial em certos gêneros de maior formalidade, de maneira mais elaborada e planejada. Nesse contexto, é preciso atentar-se aos preceitos da Gramática Tradicional (GT) quando se diz respeito ao processo de escrita mais formal, pois um olhar cuidadoso do usuário da Língua permite que esse construa, adequadamente, períodos eficazes e, se o contexto assim o determinar, em consonância com a norma padrão, possibilita-lhe a compreensão de um texto elaborado de modo coeso e coerente.

Pensando nesse processo amplo de estruturação de textos orais em contraposição à ideia de construção do texto escrito, a investigação apresentada neste artigo pretendeu detectar e discutir a influência dessas questões sobre o ofício do revisor de texto. Nesse sentido, vê-se como importante examinar se os revisores estão sendo minuciosos em relação ao uso adequado da categoria dos pronomes demonstrativos *este* e *esse*, em consonância com os comandos (prescrições) da GT.

Diante desse quadro, este artigo organiza-se da seguinte forma: feita esta breve introdução à discussão temática proposta, na seção 2, será exposto como se dá a prescrição de uso do pronome demonstrativo na GT; em seguida, serão apresentadas a metodologia, a exposição e a análise dos dados, para, enfim, apresentar as considerações finais.

2 O USO DO PRONOME DEMONSTRATIVO NA GRAMÁTICA TRADICIONAL

A Gramática Normativa da Língua Portuguesa conceitua a classe dos pronomes como "a palavra que denota o ente ou a ele se refere, considerando-o apenas como pessoa do discurso" (ROCHA LIMA, 2011, p. 156). Nesse sentido, é imprescindível observar as pessoas do discurso nas quais estão inseridas as categorias pronominais, visto que tais pessoas auxiliam no processo de compreensão e de uso adequado dos pronomes.

Diante disso, cabe ressaltar as três pessoas do discurso: o sujeito que fala (eu), o sujeito com quem se fala (tu) e o sujeito ou o objeto de que se fala (ele/ela). Em regra, os pronomes são tidos como vazios de significação, isso ocorre porque eles precisam de um objeto que os acompanhe. Assim, é essencial que haja algum contexto comunicativo para explicar o uso dos pronomes, de maneira coerente à situação em que esse aparece. Nesse cenário, considera Bechara (2009) que os demonstrativos são capazes de indicar a posição de seres ou objetos tendo como referência as pessoas do discurso.

A partir disso, o gramático aponta que sobre a noção de espaço:

Esta localização pode ser no tempo, no espaço ou no discurso: 1ª pessoa: este, esta, isto. 2ª pessoa: esse, essa, isso. 3ª pessoa: aquele, aquela, aquilo. *Este* livro é o livro que está perto da pessoa que fala; *esse* livro é o que está longe da pessoa que fala ou perto da pessoa com quem se fala; *aquela* livro é o que se acha distante da 1ª e da 2ª pessoa. (BECHARA, 2009, p. 141).

Assim, passa-se a análise dos pronomes demonstrativos no português arcaico. Isso para que se possa aclarar e perceber algumas relações ou referências no modo como eram utilizados os demonstrativos e como se aplicam, hoje, ao português brasileiro contemporâneo.

2.1 Os demonstrativos e a sua natureza dêitica

Os pronomes demonstrativos na Língua Portuguesa apresentam-se a partir de sua característica dêitica, isto é, servem como suporte para mostrar ou indicar algo a alguém. Nesse sentido, é possível dizer que eles serão definidos no processo comunicativo no qual estão inseridos. Diante disso, Hanks (2008) afirma que “entender um dêitico é, portanto, não ‘interpretá-lo’, mas simplesmente compreender, mediante a observação, o que está em destaque na situação física de enunciação.” (HANKS, 2008, p. 219).

A partir dessa classificação, entende-se que os pronomes não possuem sentidos em si mesmos, na medida em que dependem de algo para existirem. Assim, para que os elementos dêiticos sejam produtores de sentido, é imprescindível que exista uma circunstância que os conecte a um referente no mundo.

Conforme Rocha Lima (2011) os "pronomes demonstrativos são palavras que assinalam a posição dos objetos designados, relativamente às pessoas do discurso" (ROCHA LIMA, 2011, p. 160). Nesse sentido, o autor traz o seguinte exemplo:

Quando, ao conversar com alguém, eu digo “esta cadeira”, a palavra esta mostra que a cadeira está perto de mim, ou é a em que me sento. Mas direi “essa cadeira”, se me quiser referir à que está ao lado do meu interlocutor, ou à em que ele se senta. Já “aquela cadeira” não será a que está perto de mim, nem perto dele. (ROCHA LIMA, 2011, p. 160).

A partir disso, compreende-se que o uso dos pronomes demonstrativos referidos à noção de espaço caracteriza-se, em regra, pela relação entre a distância daquele que fala, com quem se fala e do que se fala. Diante disso, *este* (e flexões) aplica-se àquele que pertence algo ou está próximo da 1ª pessoa (eu) e *esse* (e flexões) aplica-se àquele que pertence ou está perto da 2ª pessoa (tu). Cabe ressaltar que, ao servir para indicar o objeto sem menção à 2ª pessoa, utiliza-se o pronome *esse*.

Quanto à questão temporal, Bechara (2009) expõe que "o demonstrativo que denota um período mais ou menos extenso, no qual se inclui o momento em que se fala, é *este* (e flexões)" (BECHARA, 2009, p. 157). Para exemplificar, ele insere dois contextos em sua gramática, sendo eles, "a) *Neste dia* (= no dia de hoje) celebramos a nossa independência. b) *Este mês* (= no mês corrente) não houve novidades" (BECHARA, 2009, p. 157). *Esse* (e flexões), no entanto, aplica-se à referência de tempo passado desde que esse não esteja relativamente próximo do momento em que se fala, nesse caso, seria possível adotar ambas as formas. Respectivamente, os exemplos trazidos pelo autor são: "a) *Nessa época* atravessávamos uma fase difícil. b) *Esta noite* (= a noite passada) tive um sonho belíssimo.". Neste último caso, aceita-se a forma *Essa noite*, motivo pelo qual o gramático afirma a possibilidade de utilização de *esta* ou *essa*.

2.2 Como se comportam os pronomes demonstrativos no discurso

Na esfera discursiva, "quando o falante deseja fazer menção ao que ele acabou de narrar (anáfora) ou ao que vai narrar (catáfora), emprega *este* (e flexões)" (BECHARA, 2009, p. 157). No entanto, quando a referência a algo ou a alguém se dá a partir das palavras do indivíduo com quem se fala, emprega-se o demonstrativo *esse*.

O gramático Bechara (2009) resalta que:

Há situações embaraçosas para o emprego do demonstrativo anafórico, isto é, aquele que se refere a palavras ditas ou que se vão dizer dentro do próprio discurso (catáfora). Ocorre o caso, por exemplo, nas referências a enunciados anteriores que envolvem afastamento da 1.^a pessoa ou ao tempo em que se fala. Nestes casos, geralmente, prevalece a preferência para nossas próprias palavras, aparecendo, assim, o anafórico *este* (e flexões) em lugar do dêictico *esse* (e flexões). (BECHARA, 2009, p. 157)

Além disso, quando se pretende repetir o termo anterior, mesmo que seja na forma comparativa, explicativa ou, até mesmo, de atribuição de alguma característica, utiliza-se o demonstrativo *esse* (e flexões), retomando-se, assim, o que foi expresso anteriormente. Desse modo, no que diz respeito à localização textual do referente utiliza-se *esse* e suas variações para recuperar o termo ou informação já mencionados.

Segundo Bezerra (2017), "tais pronomes funcionarão como 'elementos de coesão referencial anafórica'". Para exemplificar, o gramático apresenta duas frases, sendo elas, "a) A violência assola o país de norte a sul. *Esse* problema inviabiliza muitos negócios comerciais no Brasil; b) Ao coração cabe toda a função de bombeamento sanguíneo. *Esse* órgão bate, quando regular, cerca de 80 vezes por minuto". Diante disso, pode-se afirmar que, no

primeiro exemplo, o demonstrativo *esse* retoma a ideia da violência que assola o país; no segundo, a referência anafórica diz respeito ao coração.

Ainda quanto ao processo referencial do texto, passa-se aos apontamentos do uso discursivo da catáfora. No texto, emprega-se *este* e suas variações para antecipar os termos ou as informações que ainda serão mencionados. Nesse sentido, essa categoria é considerada, portanto, como uma espécie de coesão referencial catafórica. Bezerra (2017) apresenta, em sua gramática, dois exemplos para ilustrar o que se afirmou: “a) O Brasil precisa *disto*: educação igualitária – de qualidade – para todos; b) *Esta* indagação jamais será respondida satisfatoriamente: “Quem nasceu primeiro: o ovo ou a galinha?” Nessa exemplificação, o demonstrativo *esta* refere-se à indagação ‘quem nasceu primeiro: o ovo ou a galinha?’; naquela, entende-se que o que o Brasil precisa ainda será dito pelo interlocutor, tratando-se, em seguida, da referência ao qual se conecta – a educação igualitária. Portanto, a coesão referencial catafórica tratará do porvir no texto.

3 METODOLOGIA, EXPOSIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Para investigar o comportamento dos revisores de textos em relação ao emprego dos demonstrativos *este* e *esse*, fez-se uma coleta de dados extraídos de reportagens e contos de jornais, revistas e provas de concursos de anos passados. Coletaram-se dez textos curtos, com tamanhos semelhantes, que apresentaram grande quantidade dos pronomes com o intuito de examiná-los sob a ótica dêitica e discursiva.

A partir dessa coleta, escolheram-se cinco profissionais para revisar o material selecionado. Em seguida, verificou-se o nível de intervenção dos revisores frente aos demonstrativos, por meio do número de ocorrências, julgando-se a intervenção destes quanto aos elementos pronominais. Diante disso, foi possível estabelecer algumas discussões que serão tratadas no tópico seguinte.

3.1 Descrição e análise dos dados

Nesta seção, serão apresentados os resultados dos dez trechos que serviram como suporte para o trabalho dos revisores. Foram destacadas, propositalmente, inadequações gramaticais, entre elas, problemas de regência nominal, crase, concordância verbal, ortografia, acentuação. Quando ao uso dos pronomes demonstrativos, foram apresentadas, também, incorreções propositais, tendo sido elaborados, com isso, muitos distratores.

3.1.1 Correções dos demonstrativos pelos revisores em decorrência dêitica e discursiva

A seleção do *corpus* dos demonstrativos apresentado aos revisores se deu a partir da concepção dêitica (tempo e espaço) e discursiva (catáfora e anáfora). Para isso, selecionaram-se cinco profissionais, nomeando-os como R1, R2, R3, R4 e R5, a fim de preservar a identidade dos profissionais envolvidos nesta pesquisa.

A seguir, serão acrescentados os dez trechos em estudo e as intervenções possíveis para os revisores, sem esmiuçar os demais aspectos que ferem, potencialmente, à Gramática Tradicional. Cabe ressaltar, no entanto, que o *corpus* original - sem qualquer alteração - está acessível no tópico Anexo no fim deste arquivo. Assim, seguem-se as examinações dos revisores:

Trecho 1:

A maioria da população brasileira não domina à* linguagem científica* necessária para lidar com situações cotidianas, tais como ler resultados de exames de sangue, calcular se o tanque tem gasolina suficiente para uma viagem*, relacionar e entender o impacto de ações no meio ambiente ou entender a cobrança da conta de luz.

Esta* é a conclusão da primeira pesquisa nacional que mede o índice de letramento científico (ILC) do brasileiro, feita pelo Instituto Abramundo, em parceira* com o Instituto Paulo Montenegro, do Grupo IBOPE, e a ONG Ação Educativa. (GUIMARÃES, 2014).

A partir desse trecho, esperava-se que os revisores viessem no pronome demonstrativo *esta*, substituindo-o por *essa*. O critério para essa alteração se daria em decorrência do aspecto discursivo (anafórico), visto que o pronome *essa*, neste contexto, retomaria a ideia do parágrafo anterior a ele. Logo, a conclusão à qual o texto refere-se é de que "A maioria da população brasileira não domina a linguagem científica necessária para lidar com situações cotidianas".

O primeiro revisor de textos (R1) fez a adequação que atendeu às prescrições da GT. Para isso, acrescentou um balão em cima da palavra *Esta*, com o seguinte escrito: "Essa é a conclusão (em vez de esta)". Em R2 e R5, a intervenção foi feita de maneira direta e explícita, alterando o pronome *esta* por *essa* já dentro do texto. Suponho que R2 tenha optado por alterar os textos de forma direta, visto que o arquivo enviado para análise estava em formato .pdf, não tendo o profissional se familiarizado com a forma de realizar intervenções nesse tipo de arquivo. Em R3, houve também a adequada interferência, esse revisor optou por alterar o texto original em um novo de arquivo de .word, como R2, no entanto, destacou-se o pronome *Essa* em vermelho. R4 alterou o arquivo em .pdf, acrescentando-se apenas um balão em cima da palavra *Esta*, em que se substituiu para *Essa*. Diante disso, é possível afirmar que

todos os revisores estiverem atentos aos aspectos normativos, preconizados pela Gramática Tradicional, obedecendo às regras do discurso no que tange ao uso anafórico do demonstrativo *essa*.

Após essa análise, passa-se, agora, ao trecho 2, conforme se apresenta:

Trecho 2:

O Dia mundial de luta contra a AIDS é celebrado nessa* quinta-feira, 1º, e desde esta quarta, palestras alusivas o* dia foram realizadas no Centro Estadual Especializado em Diagnóstico, Assistência e Pesquisa (Cedap).

Tema como 'Um novo olhar na prevenção do HIV', foi proferida* pela médica Leila Regina Amorim, que falou sobre nova* alternativas para prevenção da doença. Leila aproveitou para falar sobre formas de prevenção.

"Hoje trabalhamos a prevenção combinada, que é um conjunto de ações que visam analisar o ser como um todo e, não só a orientação de usar preservativo. Mas, também, outras situações de onde o paciente foi exposto". (SERVILHA, 2016)

Nesse trecho, a expectativa relativa ao trabalho do revisor de textos era a de que ele percebesse a questão dêitica (temporal) dos pronomes demonstrativos. Para isso, os profissionais deveriam substituir, na linha 1, *nessa* por *nesta*, em obediência aos princípios normatizados na Gramática Tradicional.

Nos estudos da gramática normativa, segundo Bechara (2009), ao se incluir, no texto, o momento em que se fala, isto é, ao denotar proximidade com o período ao qual se diz a respeito de algo ou alguém, utiliza-se a forma *este* (e flexões), isso implica dizer que o demonstrativo pode variar de acordo com o contexto. O cenário apresentado dizia respeito ao passado e, diante disso, o revisor deveria, em regra, perceber essa dimensão temporal para substituir o demonstrativo de maneira produtiva à Língua Portuguesa sob o viés prescritivo.

O primeiro voluntário, R1, cumpriu as determinações da GT em relação à substituição dos pronomes, adequando-se ao padrão da Língua. Nesse item, acrescentou, com balão, acima do demonstrativo *nessa* o seguinte: "na próxima quinta-feira". De certo modo, R1 não cometeu erro quanto aos aspectos gramaticais, no entanto, substituiu o pronome demonstrativo por outro sintagma que se referisse à ideia de futuro próximo. No que se refere ao processo de revisão de R2, é possível afirmar que foi realizada a alteração de *nessa* para *nesta*. Isso implica dizer que este cumpriu os parâmetros da GN em relação ao momento em que se fala, no caso, o presente (à época). Em contraposição a R1 e R2, os revisores R3 e R5 não atenderam às prescrições normativas da Gramática Tradicional quanto ao uso de *nessa* sob com natureza dêitica temporal. Supõe-se que essa ausência de intervenção tenha ocorrido pela influência da língua falada ou por falta de atenção ao elemento do tempo. Similar a R2, R4 também realizou alteração idêntica, substituindo *nessa* por *nesta*, reconhecendo, portanto, a dêixis (temporal).

Em seguida, apresenta-se o trecho 3. Nele, o objetivo principal se deu no sentido de perceber e identificar se os revisores estariam atentos à natureza discursiva quanto aos processos catafóricos.

Trecho 3:

A indagação adequada ao fenômeno do tempo livre seria, hoje, porventura, essa*: “Que ocorre com ele com o aumento da produtividade no trabalho, mas persistindo as condições de não-liberdade, isto é, sob relações de produção ~~em~~^{em} que as pessoas nascem inseridas e que, hoje como antes, lhes prescrevem as regras de sua existência?” Já agora, o tempo livre aumentou sobremaneira; graças as* invenções, ainda não totalmente utilizadas — em termos econômicos — nos campos da energia atômica e da automação, poderá aumentar cada vez mais. Se se curasse responder à questão sem ascerções* ideológicas, tornar-se-ia imperiosa a suspeita de que o tempo livre tende em direção contrária à de seu próprio conceito, tornando-se paródia deste. (ADORNO, 1995)

Diante desse cenário, R1 comportou-se de modo atender às prescrições da GN de forma categórica. Nesse contexto, realizou-se a alteração de *essa* para *esta* na linha 1. Além disso, houve interferência de reescritura em relação ao texto original. O mesmo ocorreu em relação à R2, R3, R4 e R5.

No trecho 4, apresenta-se uma incorreção quanto à construção anafórica. O ideal é que os revisores cuidassem de dois pronomes principais, sendo eles, *isto* e *desta*.

Trecho 4:

Cada semana, uma novidade. A última foi que pizza previne câncer do ezôfago*. Acho a maior graça. Tomate previne isto*, cebola previne aquilo, chocolate faz bem, chocolate faz mal, um cálice diário de vinho não tem problema, qualquer gole de álcool é nozivo*, tome água em abundância, mas peraí, não exagere... Diante desta* profusão de descobertas, acho mais seguro não mudar de hábitos. Sei direitinho o que faz bem e o que faz mal pra* minha saúde. (VERÍSSIMO, 2018)

Em relação ao primeiro, as prescrições da GT determinam que o uso adequado para o texto seria *isso*, na medida em que esse pronome demonstrativo remete à prevenção de possíveis doenças, conforme mencionado em *pizza*, que preveniria câncer de esôfago. Quanto ao comportamento dos revisores sobre tal pronome, diz-se que R1, R2, e R4 não fizeram qualquer alteração, mantendo-se, portanto, *isto*. Em contrapartida, R3 e R5 substituíram *isto* por *isso*, tendo, portanto, considerado o demonstrativo como referente anafórico e não como elemento catafórico em que há nada se refere posteriormente.

No que tange ao segundo demonstrativo – *desta*, esperava-se que houvesse a substituição de *desta* por *dessa*, visto que tal pronome retoma, mesmo que de maneira indireta, a profusão de descobertas entre a relação dos alimentos com o fato de que eles podem evitar doenças. Então, já que toda essa ideia tinha sido mencionada no texto, é prescritivo pela GT que se utilize um termo de natureza anafórica. A partir desse cenário,

avaliou-se o comportamento dos revisores, tendo apenas R4 mantido o texto original, deixando, com isso, o pronome demonstrativo *desta* em vez de *dessa*.

Em seguida, apresenta-se o trecho 5, em que a ideia principal consiste em apontar, também, a natureza discursiva anafórica no texto escrito. Assim, segue o texto:

Trecho 5:

Alguns leitores ficaram um pouco bravo* comigo porque eu afirmei na coluna de ontem que a legislação sobre costumes de um estado* moderno deve sempre seguir a inspiração liberal e não a conservadora. Diferente* do que sugeriram certos micivistas*, não escrevi isto* porque minhas preferências pessoais coincidem com às ideias ditas progressistas, mas porque existem* uma diferença qualitativa no papel que as duas visões de mundo reservam para a lei. (SCHWARTSMAN, 2015)

A partir desse trecho, a expectativa frente à GT era a de que os profissionais da revisão alterassem o termo *isto* por *isso*, já que se trata de um termo que faz referência à fala do colunista. *Isso* se refere ao fato de ter o escritor afirmado, em sua coluna, que "a legislação sobre costumes de um Estado moderno deve sempre seguir a inspiração liberal e não a conservadora", não atendo às expectativas dos leitores missivistas.

Explicado isso, cabe analisar o comportamento dos revisores. R1, R2, R3 e R5 fizeram a substituição de isto para isso, conforme preceitua a GN. No entanto, R4 não o fez, supõe-se que tenha sido um descuido do profissional em relação a rigorosidade dos parâmetros da gramática prescritiva.

O trecho a seguir, de número 6, foi acrescentado ao artigo apenas para distrair os revisores de maneira integral, isto é, não há nenhuma conexão com a temática que perpassa este artigo quanto ao uso dos pronomes demonstrativos na GT. Ademais, assim ele foi apresentado:

Trecho 6:

Em julho de 1955, Bertrand Russell e Albert Einstein lançou* um inusitado apelo aos povos do mundo, pedindo-lhe* que “pusessem de lado” seus fortes sentimentos à* respeito de uma série de questões e se vissem “exclusivamente como membros de uma espécie biológica que traz consigo uma história extraordinária e cujo desaparecimento ninguém pode desejar”. O dilema com que se defronta o mundo é “claro, aterrador e incontornável: pôremos* fim à espécie humana ou a humanidade renunciará a* guerra?” (CHOMSKY, 2009)

Ainda no que tange aos aspectos anafóricos e, portanto, discursivos, o trecho 7 contém dois pronomes demonstrativos que merecem destaque, sendo ele, *estas* e *estes*. Abaixo, é possível observar o uso desses pronomes:

Trecho 7:

Os mitólogos costumam chamar de imagens de mundo certas estruturas simbólicas com as* quais, em todas as épocas, as diferentes sociedades humanas fundamentou*, tanto coletiva quanto individualmente, a experiência do existir. Ao longo da história, estas* constelações de idéias* foram geradas quer pelas tradições étnicas, locais, de cada povo, quer pelos grandes sistemas religiosos. No Ocidente, contudo, desde os últimos três séculos uma outra prática de pensamento veio se acrescentar a estes* modos tradicionais na função de elaborar as bases de nossas experiências concretas de vida: a ciência. (OLIVEIRA, 2002).

Para a GT, seria adequado que o núcleo *estas constelações* fossem modificadas para *essas constelações*. Isso ocorre porque esse bloco só faz sentido ao fazer referência ao anteriormente exposto que trata das ideias dos mitólogos de denominar imagens de mundo algumas estruturas simbólicas que fundamentam, individual e coletivamente, a experiência de existir. Quanto a esse processo de adequação à Gramática Tradicional, apenas R4 não realizou a substituição de *estas* para *essas*.

Em relação ao segundo pronome demonstrativo *estes*, presente no trecho 7, o que se pode dizer é que os modos tradicionais se conectam à maneira de pensar dos mitólogos em relação às imagens de mundo em diferentes sociedades humanas. Isso implica dizer que o pronome adequado para os parâmetros da GT seria *esses* em vez de *estes* como consta o texto original. Sobre o trabalho dos revisores, pode-se afirmar que R1 e R2 alteraram os pronomes, substituindo-os conforme explicitado acima. No entanto, R3, R4 e R5 mantiveram o texto como contido no *corpus*.

Após essa análise, o que se pode perceber no trecho seguinte é a construção de um processo catafórico. O trecho 8 é, nesse contexto, apresentado:

Trecho 8:

Acho que foi o Hemingway quem disse que olhava cada coisa a* sua volta como se a visse pela última vez. Pela última ou pela primeira vez? Pela primeira vez foi outro escritor quem disse. Essa idéia* de olhar pela última vez tem algo de depremente*. Olhar de despedida, de quem não crê que a vida contínua*, não admira que o Hemingway tenha acabado como acabou.

Se eu morrer, morre comigo um certo modo de ver, disse o poeta. Um poeta é só isso*: um certo modo de ver. O diabo é que, de tanto ver, a gente banaliza o olhar. Vê não-vendo. Experimente vez* pela primeira vez o que você vê todo dia, sem ver. Parece fácil, mas não é. O que nos cerca, o que nos é familiar, já não desperta curiosidade. O campo visual da nossa rotina é como um vazio. (RESENDE, 1992)

Em obediência à Gramática Tradicional, o pronome adequado para o caso presente é *isto*, na medida em que se diz sobre algo que ainda será apresentado após o aposto "um certo modo de ver". Dito isso, a análise que se pode fazer em relação à intervenção dos revisores foi de que R1, R2, R3 e R4 atenderam às prescrições da GN, visto que esses profissionais

substituíram *isso* por *isto*. No entanto, R5 manteve a forma original do texto com o demonstrativo *isso*.

Quanto ao trecho 9, penúltimo do *corpus*, foram construídas inadequações em relação às determinações da GN quanto aos processos anafóricos e às questões de espaço. Isso é possível de ser percebido no texto abaixo:

Trecho 9:

"MINHA QUERIDA DONA: quem a* escreve sou eu, a sua fiel e querida boneca, que você não vê a* três meses. Sei que você sente muitas saudades, porque eu também sinto saudades de você. Lembro de você me pegando no colo, me chamado* de filhinha, me dando papinha... Você era, e é, minha mãezinha querida, e é por isto* que estou lhe mandando essa* carta, por meio do cara que assina esta coluna e que, sendo escritor, acredita nas coisas da imaginação. Posso lhe dizer, querida, que vivi uma tremenda aventura, uma aventura que em vários momentos me deixou apavorada. Porque tive de viajar para o distante país do recall. (SCLIAR, 2008).

No que tange ao pronome *isto* apresentado no texto, a GT prescreve não o uso catafórico, mas seu uso anafórico, na medida em que a aparição do demonstrativo *isso* faria menção à relação de causa e efeito entre o fato de haver uma "mãezinha querida" e, em consequência dessa adjetivação, escrever uma carta a ela. Assim, passa-se à análise dos apontamentos dos revisores em relação a esse tópico. Foi possível notar que R1, R2, R3 e R5 substituíram *isto* por *isso*. Por fim, apenas R4 não alterou o demonstrativo em análise, optando-se, portanto, em mantê-lo como no texto de origem.

Quanto ao demonstrativo *essa*, utilizado no trecho 9, a GT prescreve que, havendo proximidade do sujeito que fala em relação ao seu objeto, o uso mais produtivo, conforme seus parâmetros, seria *esta*. Isso ocorre pois *este* (e flexões) aplica-se àquele que está próximo da 1ª pessoa (eu). Assim, diante do contexto apresentado, aquele que fala da carta próxima dela está, visto que há, ainda, expectativa de que seja encaminhada por meio do assinante da respectiva coluna. Nesse cenário, notou-se que R1 optou por alterar parte do texto em vez de substituir o demonstrativo *essa*. Nesse caso, onde se lia "é por isto* que estou lhe mandando essa* carta", leu-se "e é por isso que estou lhe mandando essa carta pelo cara que assina esta coluna". Quanto à R2, R3 e R5, percebeu-se que o pronome *essa* foi substituído por *esta*, atendendo às imposições, por assim dizer, da GT. Entre os revisores, apenas R4 não realizou qualquer alteração nesse demonstrativo em análise.

No trecho 10, há duas questões relevantes aos estudiosos da Língua Portuguesa em relação ao discurso e à dêixis temporal. Apresenta-se, com isso, o último trecho do *corpus* em análise:

Trecho 10:

Dessa* os internautas de língua portuguesa escaparam por pouco. O órgão das Nações Unidas para a igualdade de gênero lançou campanha mundial em novembro desse* 2013 contra o machismo entranhado no* sistemas de busca da internet. O preenchimento automático do Google sugere ao usuário uma lista dos termos mais procurados ligados aos termos digitados.

Ao digitar “women shouldn’t” (mulheres não devem) no campo de pesquisa, o publicitário Christopher Hunt (diretor de arte da agência Ogilvy & Mather, em Dubai, nos Emirados Árabes) percebeu que a ferramenta autocompletar frases sugeria construções como “mulheres não devem trabalhar”, “ter direitos”, “votar”, “falar na igreja”, “serem dignas de confiança” ou como “mulheres precisam ser disciplinadas*”. (PORTUGUESA, 2013)

Quanto ao processo discursivo, há o pronome demonstrativo *Dessa*, no início do texto, o qual assegura que algo ainda será dito por um interlocutor. No contexto apresentado, isso é exposto pela notícia de que "O órgão das Nações Unidas para a igualdade de gênero lançou campanha mundial em novembro desse* 2013 contra o machismo entranhado no* sistemas de busca da internet". Nesse aspecto, conforme as determinações da GT, utiliza-se a forma *Desta* em vez de *Dessa*, o que se deve à função da natureza catafórica já explicitada neste artigo. Sobre isso, cabe ressaltar que R1 e R3 substituíram o pronome demonstrativo conforme explicado, no entanto, R2, R4 e R5 não fizeram qualquer alteração em relação a esse aspecto. Suponho que a maioria não tenha realizado essa substituição devido à influência da fala em comparação às normativas da GT.

O segundo aspecto interessante aparece em relação ao tempo. O demonstrativo *desse*, no contexto, apresenta-se como um referente a 2013, isso quer dizer que, embora pareça haver uma referência atual ao tempo passado, ele indicava à época o momento presente. Desse modo, a Gramática Tradicional vai determinar, por suas vias, que haja o uso específico do *deste*, na medida em que se trata do presente ao momento mencionado, sendo, por esse motivo, relevante aos estudos da Língua no aspecto dêitico. Dito isso, seguem-se os apontamentos dos revisores: R1, R2 e R5 substituíram o demonstrativo *desse* para *deste*. R3 fez um comentário referente ao aspecto temporal, alterando o texto e, também, substituindo-o para torná-lo mais claro ao leitor, assim o fez: "novembro de 2013 (ou em novembro deste ano, caso se refira à matéria publicada em periódico ou congênere no ano de 2013)". R4 não fez qualquer substituição pronominal do caso em análise.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de toda essa análise, é preciso ressaltar que o objetivo deste artigo não foi esmiuçar ou generalizar o trabalho dos revisores em relação ao seu processo de correção,

adaptação e/ou reconstrução do texto escrito. Contudo, é possível concluir que os revisores estiveram parcialmente atentos ao uso obediente à norma padrão da Língua Portuguesa quanto à aplicação adequada dos pronomes demonstrativos *este* e *esse* – ou que alguns deles ignoram as prescrições da GT.

Foram observadas questões de dêixis, tempo e espaço, em que os profissionais da revisão de textos deveriam verificar o lapso temporal da reportagem noticiada e a questão do espaço em relação à indicação do objeto sem menção à 2ª pessoa (tu). Nesse tópico, os revisores apresentaram uma boa performance, na medida em que verificaram parcialmente essas seções.

Assim, é indiscutível que exista variação linguística no emprego dos demonstrativos *este* e *esse*. Isso ocorre porque existem diversos contextos em que eles podem aparecer, sendo necessário observar, atentamente, os possíveis aspectos semânticos atribuídos a eles a partir das esferas dêiticas (tempo e espaço) e discursas (catafóricas e anafóricas).

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. **Tempo Livre**. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/139261737/Adorno-Tempo-Livre>>. Acesso em: 05 nov. 2018.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.
- CHOMSKY, Noam. **Estados fracassados: o abuso do poder e o ataque à democracia** (adaptado). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009. Disponível em: <<https://www.teccursos.com.br/conteudo/questoes/367075>> . Acesso em: 06 nov. 2018
- GUIMARÃES, Camila. **Um país de analfabetos científicos: uma pesquisa nacional mostra que 79% dos brasileiros não conseguem entender um manual de instrução para usar aparelhos domésticos**. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/vida/noticia/2014/09/um-pais-de-banalfabetos-cientificosb.html>>. Acesso em: 05 nov. 2018.
- HANKS, William. **Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin**. São Paulo: Cortez, 2008.
- OLIVEIRA, Luiz A. **Valores deslizantes: esboço de um ensaio sobre técnica e poder**. In: O avesso da liberdade. Adauto Novaes (Org). São Paulo: Companhia das Letras, 2002. Disponível em <<https://www.ebah.com.br/content/ABAAAAjrQAJ/prova-concurso>>. Acesso em: 07 nov. 2018.
- PORTUGUESA, Língua. **Gerador de frases machistas: Campanha da ONU tenta mudar estereótipos femininos que se propagam em sistemas de buscas na internet, 2013**. Disponível em <<https://www.qconursos.com/questoes-de-concursos/questoes/6ea83f08-7e>>. Acesso em: 07 nov. 2018

RESENDE, Otto Lara. **Vista cansada**. Folha de São Paulo, 1992. Disponível em: <http://www.releituras.com/olresende_vista.asp>. Acesso em: 07 nov. 2018

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

SERVILHA, Roseli. **Dia Mundial da Aids é comemorado com palestra e caminhada**. Disponível em: <<http://atarde.uol.com.br/bahia/salvador/noticias/1820495-dia-mundial-da-aids-e-comemorado-com-palestra-e-caminhada>>. Acesso em: 05 nov. 2018.

SCHWARTSMAN, Hélio. **Da soberania do indivíduo**. Folha de São Paulo, 2015. Disponível em: <<https://enem.estuda.com/questoes/?prova=853>>. Acesso em: 06 nov. 2018.

SCLIAR, Moacyr. **O lendário país do recall**. Folha de São Paulo Cotidiano, 2008. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2502200808.htm>>. Acesso em: 07 nov. 2018.

STRADIOTO, Sara A. **Dêixis na România Nova: o lugar dos demonstrativos no português de Belo Horizonte e no espanhol da Cidade do México**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte. 2012. 178 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Minas Gerais. Orientador: César Nardelli Cambraia.

VERÍSSIMO, Luis F. **O que faz bem pra saúde?**. Velhos amigos: o site da maturidade. Disponível em: <<http://classico.velhosamigos.com.br/Ilustres/odelmo.html>>. Acesso em: 06 nov. 2018.